

ASSINATURAS
 Numero avulso . . \$50
 Trimestre 3\$00
 Anuncios, por linha . \$50
 Anuncios permanentes
 (Preço convencional)

ALMA ACADÉMICA

CORPO REDACTORIAL
 J. Rocha e Cunha
 Raul Regala
 Alberto Pires
 Carlos Coimbra
 Armando Seabra
 (Artístico)

Propriedade da Academia do Liceu de Aveiro

Redacção e Administração
LICEU-AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
 Manuel Cardoso
ADMINISTRADOR
 Euclides Dias

Apreciam-se os livros de que nos for enviada um exemplar.
 Comp. e Imp. Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

ALMA ACADÉMICA

Merecem sempre as minhas melhores simpatias todos os pensamentos que concorram para o engrandecimento espiritual e moral dos estudantes.

Não é apenas a simpatia do educador. É ainda a simpatia que resulta da suave recordação dos meus tempos de estudante.

Como educador, devo applaudir e estimular todas as tentativas, todas as ideias que contribuam para a valorização da alma académica, para um melhor aproveitamento das energias espirituais que devem existir e brilhar nos corações dos estudantes.

Criar uma alma académica é dar aos rapazes aquela unidade moral que os torna solidários e fortes, na desgraça ou na ventura, nas horas boas ou nas horas más da sua vida.

Uma alma académica é unidade, é pensamento, é acção, é patriotismo, é vitória.

A dôr, se a dôr pode nascer no coração dum estudante, o infortúnio, a desilusão, a fraqueza de ânimo, desaparecem logo quando a alma académica surge com a alegria, a força e as doiradas ilusões da sua solidariedade espiritual.

Uma alma académica é bálsamo para a tristeza, entusiasmo para o esmorecer de esperança, divino cântico de amor para os desiludidos da vida.

Na alma académica nunca medrou o egoísmo, nem a mesquinha ambição ou a negra injustiça poderam aninhar-se no seu desinteressado e leal coração.

Sempre que se forme uma alma académica, lá veremos o despontar brilhante dos mais belos exemplos de amor, de justiça, de patriotismo.

É estes sentimentos são os mais nobres e dedicados, que eu desejo vêr brilhar na alma académica do liceu de Aveiro como consoladores testemunhos da sua força, da sua fé e da sua formosa solidariedade moral.

Prof. José Barata.

BAILES

Principiaram no passado domingo os bailes de máscaras no Teatro Aveirense.

O LICEU E OS SEUS ALUNOS



FREQUENTE dizer-se—e não se expende doutrina original, visto que ela está no próprio espírito do regimen de classe—que para a educação dos alunos há toda a vantagem em que as relações entre o Liceu e as famílias sejam as mais estreitas possível. A rotina, porém, tem-se sobreposto à maior parte dos esforços empregados nesse sentido: os pais, regra geral, consideram o professor como uma pessoa inacessível, com quem é difícil falar—uma entidade, em suma, que se suporta porque a força das circunstâncias fez dela, por mal dos pecados de pais e filhos, o educador das gerações. E é tão funda e arraigada essa rotina, que muitos não compreendem que do professor possam aproximar-se, a averiguar do comportamento e aproveitamento dos filhos, sem a *carta de empenho*, tendente a amaciar-lhe a prosápia de mestre olimpico, ou o *presente*, que tem por fim torná-lo mais humano e paternal para com os alunos...

Ora, tal como se acha organizado o ensino, o educador moderno, sob pena de não cumprir cabalmente a sua nobre missão, tem de estar em permanente contacto com as famílias e com aqueles cuja educação o Estado lhes confiou. Pelo seu lado, os pais deverão interessar-se, directamente ou por intermédio dos encarregados da educação, por tudo quanto respeita à vida liceal. As entidades com quem têm de se encontrar muitas vezes são o reitor e os directores da classe. As credenciais com se que hão de apresentar são a sua simples qualidade de pais.

A atitude dos alunos perante o professor vai já sendo um pouco diversa da dos pais; mas por vezes existe a mesma desconfiança: o mesmo preconceito os leva a ver no mestre não o amigo e até o colaborador, mas o carrasco, o inimigo declarado que aos governos aprouve pôr a seu lado para lhes tornar mais difíceis os primeiros passos na vida séria.

Para bem de todos, bom é que acabe, e duma vez para sempre, este estado de coisas. Os pais e os alunos têm de se convencer de que o Liceu é o prolongamento da casa paterna; de que o professor é o primeiro a interessar-se por que o aproveitamento dos seus discípulos seja o mais completo possível e de tal modo correcta a sua conduta, que os estranhos só tenham motivos para a louvar.

No entanto, a despeito de ainda se não ter chegado à desejada perfeição—o que só se conseguirá ao fim de alguns anos, tão arraigados são os hábitos—, alguns indícios de vida nova se vislumbram, como que a estimular os professores e a mostrar-lhes que não virá longe a hora em que de todo hajam desaparecido as últimas peias que entravavam ou dificultavam o seu esforço de educador. Fomos há dias procurado pelo Presidente da Direcção dos alunos deste liceu e director da «Alma Académica», que veio dar-nos conta dum projecto que trazia em mente, e pedir-nos sobre ele o nosso parecer: a fundação da «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro». Aplaudimos, como nos cumpria, tão inteligente como alevantada iniciativa, e mostrámos ao director da «Alma Académica» as bases duma Sociedade, que pensáramos organizar e cujos fins educativos eram idênticos aos da que elle vinha propor. Com efeito, acha-se elaborado um projecto de Estatutos para a «Sociedade dos Amigos do Liceu de José Estêvão». Segundo o projecto, dela poderiam fazer parte professores deste Liceu, pais de alunos, quaisquer pessoas a quem o problema educativo e a acção educativa desta casa interessassem e *sobretudo* os antigos alunos, aqueles que neste liceu receberam a cultura que os levou aos cursos superiores e à vida prática.

Desde que vá por diante a feliz iniciativa dos rapazes que actualmente frequentam as classes mais adiantadas do Liceu de Aveiro, nada obsta a que a Sociedade cujos estatutos gizáramos e guardáramos, à espera de melhor oportunidade para os pôr em execução, se transforme pura e simplesmente em «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro».

O Liceu não deve contar somente com o auxilio do Estado. O Estado não pode fazer tudo. Muito pode contribuir para o seu aperfeiçoamento material e moral esta familia formada por mestres e alunos. Que os antigos alunos venham a nós e nos auxiliem na

(Continua na 2.ª página)

A DIÇÃO NOS LICEUS

A criação, nos Liceus, de pequenos cursos de recitação e declamação, para estudantes dum e doutro sexo, está-se tornando imprescindível.

A boa dição é já hoje ornamento indispensável do homem culto.

Não raro succede que alunos saídos dos estabelecimentos de ensino secundário não saibam dizer com precisão e menos ainda dar á palavra oral a intensão e o vigor que requerem as manifestações do espírito.

Não só aos tribunos e aos professores é necessária a aquisição da arte de bem dizer. Todos os que um dia podem achar-se na contingência de se dirigir aos seus contemporâneos precisam de dar á expressão verbal cor e vivacidade.

Sem a dição correcta e intencional perdem-se, em grande parte, os efeitos da transmissão e receptibilidade das revelações mais formosas da intelligência e até das perfulgências mais brilhantes do génio.

Nem todos estão convencidos da vantagem de adquirir a arte de bem falar. Há ainda quem julgue que a eloquência não passa dum dom congénito dos grandes oradores e que a arte nada vem acrescentar ao brilho duma imaginação viva e de um talento criador. Para infirmar tão radical afirmação basta lembrar o exemplo dos grandes mestres que sempre tiveram na conta mais alta a parte mecânica da sua arte. Entre os antigos Demóstenes e Cícero, para não citar senão os próceres, e entre os modernos e bem junto de nós António Candido, a espontaneidade da elocução acrescentaram os recursos da retórica.

A dição está para a parte criadora da oratória como, na música, a execução para a obra do compositor.

É notório quanto, em nossos dias, a poesia ou a prosa recebem animação e vida da interpretação dos bons declamadores.

Dizer bem é dar á expressão artística da palavra clareza, verdade e brilho. Quanto mais completamente a nossa expressão possuir tais predicados, tanto mais facilmente transmitiremos aos ouvintes

Horta da Boa Laracha

Cá estou eu, outra vez, de cara alegre, sempre pronto a conversar com os meus leitores.

Parece que o sr. tipógrafo não gostou das minhas considerações expendidas (bendito! bravo!) no último número, porque mudou a posição estratégica estragando a minha eloquente, leve e preciosa prosa (muito bem! basta! basta!) O conteúdo dos parenteses está a cargo dos leitores.

Para a outra vez não me apanha desprevenido, sr. tipógrafo, porque abro-me em posições diferentes para não enganar os meus leitores. Vamos agora ao que importa.

Começemos pela História verdadeira, como todas as minhas histórias:

«Numa tasca de aldeia, estavam vários homens, dos que não gostam de vinho.

Um deles vê bananas penduradas dum prego e, não conhecendo, pergunta aos companheiros o que era aquilo. Os outros disseram-lhe que eram bananas, ao que ele respondeu: «Atão isso deve ser muito bô! Dê cá uma oh! ti tabernêiro!

O pedido do homenzinho foi satisfeito e ele pega na banana, come a casca e atira fóra a parte comestível.

Preguntando-lhe os amigos se ele tinha gostado, respondeu:

—Eh! rapazes, isto é muita bô, mas o que bocês não podem negar é que tem um carôço muito grande!— e apontou a banana que estava no chão e que havia atirado fóra.

tes as nossas ideias e emoções. Tenta dar-se aos alunos, nos Liceus, uma cultura integral. Para que a cultura tenha esta amplitude, necessário se torna olhar com maior atenção para o seu lado estético.

Com o tempo os cursos de ditação hão de ser, nos Liceus, tão precisos como os de ginástica e canto.

E' certo que os programas liceais apontam aos professores de línguas o exercício da recitação; mas certo é também que tal prática não pode ser proficuamente levada a efeito dentro das aulas e durante o tempo que lhes é destinado.

Urge, portanto, criar sem demora cursos reservados a exercícios de ditação, cursos curtos, sem dúvida, mas organizados de forma que atinjam a finalidade própria.

Ao liceu de Aveiro que sempre têm procurado manter bem elevado o nível do ensino, não ficará, pois, mal tentar a experiência.

E' o que vai fazer-se. O Ex.^{mo} Sr. Reitor encarregou um professor de Letras da organização desses cursos.

Que os alunos saibam corresponder a esta iniciativa simpática com o esforço da sua boa vontade, lembrando-se de que ela não só prestigia o Liceu a que pertencem, mas ainda concorre poderosamente para a sua formação artística.

Pedro Gradil.

"Auras da realidade,

Procuremos instruir-nos...

(Aos moços da minha idade)

Instruir é construir.
José Estêvão.

Rapazes!...

Portugal, a nossa linda e encantadora Pátria, prenhe de lendas e tradições, que o velho Mar outrora engrandeceu e notabilizou, é um dos países da Europa onde menos se cultiva o Trabalho!

E porquê?...

Porque a família portuguesa, infelizmente, é ainda hoje constituída por centenas, milhares de analfabetos, milhares de indivíduos que jazem frios, entorpecidos, na grande e profunda caverna, enojosa e fétida, onde habita a larva imunda e vil da Ignorância!

E é essa larva que depois de levar aos espíritos a Dúvida e aos cérebros a baba negra da Estupidez, invade as almas mais puras, colocando nos corações o espírito parasita da Inacção, fazendo dos corpos massas inertes, quasi sem vida.

A Ignorância é mãe da Dúvida, irmã da Estupidez, e inimiga acérrima da santa religião do Trabalho!...

Ela é a ruína, e ás vezes a perdição duma família, duma sociedade, dum povo inteiro.

E Portugal é um dos países da Europa onde Ela predomina e reina ainda sem estôrvo, afrontando dasvairada, cheia de orgulho, o espírito grandioso da Instrução!

A nossa Pátria já foi grande à luz da História, sim — e no tempo em que o pensamento não passava duns certos limites, no tempo em que as almas viviam páldidas, enfezadas, sob o manto tenebroso do Mistério!... Mas foi grande, porque igualava em Instrução todos os outros países da Europa.

Contudo esses outros cresceram, desenvolveram-se, fizeram-se grandes, porque ao contrário do que sucedeu entre os portugueses, pairou sobre eles, ainda com mais calor, ainda com mais entusiasmo, esse Espírito luminoso que instrui e educa as almas, que conforta e encoraja os corações fracos ou covardes. Ora, é preciso que Portugal, os Portugueses, sejam iguais ou superiores em Instrução, aos Estrangeiros — porque Instrução é Trabalho, e é do Trabalho que parte o Progresso.

* * *

Desprezemos pois, rapazes, a Ociosidade, calcando, esmagando sem receio, essa larva asquerosa da Ignorância.

Abramos, sem temor, as portas da Inteligência, recebamos alegremente essa luz espiritual, essa luz divina, essa luz balsâmica, essa luz, que é a luz da Instrução, para bem da nossa Pátria... para bem do nosso Portugal.

Aveiro, 928.

Euclides Dias

Este numero foi visado pela comissão de censura.

(Continuação da 1.^a página)

medida das suas forças, e terão contribuído, sem sacrificios, para os progressos e conseqüente bom nome da casa de educação que frequentaram e que em breve poderá igualmente ser frequentada pelos seus filhos.

A ideia está lançada. Será o seu porta-voz a «Alma Académica», folha que tem tido ultimamente uma existência difícil, mas que, bem orientada, poderá exercer no meio académico desta casa uma acção eminentemente educativa.

E, constituída que seja a «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro», uma nova fase de progresso se abrirá para o nosso Liceu, que virá com certeza a ser, para honra de Aveiro e para honra do país, um Liceu modelar!

Aveiro, 12 de Janeiro de 1928.

José Tavares.

O meu artigo

Descobertas

I

Fechou, há ainda poucos dias, uma bela exposição em que havia trinta quadros, alguns notáveis, de grandes pintores portugueses e que cabiam nesta designação global — Virtudes e heroísmos lusiadas.

Lá fui, de corrida.

Alguns dos quadros deixaram-me bem gravada a sua impressão.

Citarei «O descobrimento do Brazil», de Roque Gameiro, onde não discuto tecnica, mas onde vi estados de alma, conheci os pensamentos daqueles marinheiros e os de Alvares Cabral. Esta aguarela para mim, para a minha sensibilidade artística, era o melhor.

Referirei também um outro; e este pela cor; pelos síbilos do vermelho, pelo verde, agudo pelo realce que adquire no contraste com aquele, pelo amarelo vivo do meio dia estival, que havia nos trajés dos fidalgos e nos estandartes, e nos gestos e nas fisionomias. Este, era «A restauração da independência», de Carlos Bonvalot.

E havia outros mais de que eu falaria, como os três de «A viagem da India», de João Augusto Ribeiro; «O Poeta e a Santa», de Acácio Lino; a «Torre de Belem», de João Vaz, a pessoa que depois de Raúl Brandão, em Portugal, melhor sente os encantos do mar; «A Tomada de Lisboa», de Jorge Colaço; «Cavaleiros e infanções», de Carlos Reis; «Os serões manuelinos» de D. Raquel Gameiro; e mais ainda que não vale enunciar.

Vem tudo isto a propósito dum quadro de Veloso Salgado, «O Sonho do Infante».

E o infante D. Henrique, de pé sobre um rochedo. Pelo ar e pelo mar, a gloria, a fama, a fé; a India, o norte de Africa e o resto deste continente, representados em indigenas, cada qual trazendo-lhe o seu tributo. O infante está a olhar, naquêl gesto dos nossos pescadores quando prescrutam o temporal no céu longinquo, ou nas ondas do mar.

Mas, com espanto, e aqui é que vai a descoberta, verifiquei que a mão que o infante punha sobre os olhos era... a esquerda.

Era canhoto o infante, quem não havia de dizer!

Nunca, no que li sobre o illustre varão, vi uma referência a este facto e creio mesmo que ele passou despercebido até ao sr. Veloso Salgado, que fez assim por simples intuição.

E, como creio no alto interesse que este acontecimento tem para a interpretação da atitude que D. Henrique tomou quando do cativo do seu irmão D. Fernando, venho hoje dar conhecimento dele, para que possa ser aproveitado.

II

Num outro dia, andava eu a «pastar» por essas ruas—sem ofensa para as pessoas que me acompanham; «pastar» é uma das

NOTICIAS

Noticiaram os jornais de grande circulação, que o distinto ministro dos negócios estrangeiros do Brazil, Dr. Octávio Mangabeira, determinou que os delegados brasileiros, em congressos internacionais, usem somente o idioma português. A intelectualidade dos dois países tem-se referido largamente a este facto, preparando a academia Lusa uma grande manifestação ao sr. Cardoso de Oliveira, illustre consul do Brasil em Lisboa, como prova da simpatia que lhe merece qualquer empreendimento patriótico.

— Faleceu no passado dia 8 o pai do nosso colega João Peixinho.

— Depois duma longa doença, finou-se no passado dia 11, o ex-aluno do nosso liceu, António Soares Branco de Melo, aos 22 anos de idade. No cortejo fúnebre encorporaram-se numerosos estudantes, todas as colectividades locais e todos os amigos do morto.

No cemitério, usou da palavra o Ex.^{mo} Sr. Dr. Fernando Homem Cristo, em nome dos amigos do falecido, que exaltou em palavras de sincero sentimento, as suas boas qualidades e predicados morais, e a profunda máguia de toda a mocidade aveirense.

A's famílias enlutadas os nossos sentidos pésames.

minhas necessidades mais imperiosas—e, quando mal me precatto, apanho pela frente com um letreiro nestes termos:

Cama para uma pessoa completa. Esc.

e o preço à frente.

Pús-me a mirar a cama. Era de ferro, pintada de verde e não fazia diferença absolutamente nenhuma de outras que lá estavam pelo mesmo preço.

Vim para casa matutar no caso e não fui capaz de descobrir na minha cama dessemelhança com outra, que justificasse aquele reclame. E, dizia cá com os meus botões:

—Que diabo virá a ser uma pessoa completa?

No dia seguinte fui para baixo ainda a magiar no assunto e, por felicidade, vejo que a cama estava a ser comprada por um homem como qualquer outro.

Mais intrigado fiquei; porque a única coisa que elle tinha a mais que eu, era ser careca, e cara de muito mais burro—não digo menos inteligente por modestia, o leitor compreende.

Mas... descobri. (Já é andar com sorte! Duas descobertas na mesma semana!)

O letreiro é que estava mal feito. O homem da loja queria dizer:

Cama completa para uma pessoa Esc.

Mas não lhe chegou á lingua.

D. Duardos.

Tangendo as Liras

OS MEUS VERSOS TRISTES

A Noiva dos meus sonhos

*Aprendi num olhar de primavera,
Dôce como novêras,
A traduzir em verso as minhas pênas,
As tristes pênas que esse olhar me dera.*

*Depois cantei... cantei em verso amargo
A minha máguia, a êsmo...
Que a minha dôr perdeu-se num mar largo,
No fundo de mim mesmo.*

*Hoje, triste, mais triste do que dantes,
Vai a cantar, perdida, como louca,
Para ensinar à bôca dos amantes
O que aprendi na tua linda bôca.*

Do livro em preparação: Longes

Luís Carlos

GAUDEO...

— es, ere, gavius sum.

Anuindo ao pedido do estudante—Coimbra

*Com gôsto, enlêvo, e grande exultação,
Da "Alma,, li a amostra lisongeira,
E tudo me causou admiração,
A perspectiva, a graça, a caturreira...*

*A parangôna, a tinta, o piadão,
Que brilha, linha a linha,—é de primeira!
E faz do "jornalzinho", galardão...
De gôsto, de trabalho e de canceira!*

*Mas, ao centro, do Mestre, aquell' artigo,
A' certa, sobreleva os outros mais,
Gritando—áante! áante! a voz de amigo.*

*Vêde, porém, meninos, se lembrais...
Que muita vez o joio embaça o trigo,
E que dêste, o primeiro, é dos pardais.*

E. M.

"Grupo Tricanas e Galitos,"

Mais uma vez partiu de Aveiro, numa peregrinação santa para engrandecer o nome da sua terra, um grupo de tricanas alegres e formosas, agregadas a socios dos Galitos, sob a habilitada do sr. dr. Vasco Rocha.

Foram demonstrar cantando, que Aveiro possui, além das suas belezas naturais, alguma coisa de humano que encanta e seduz, que prende e arrebatava num dédalo de sonho: o donaire da tricana.

Era nosso dever, pois, não deixar em branco a forma como se portou esse Grupo e por isso,

resolvemos pedir ao Ex.^{mo} Regente, o favor de alguns apontamentos.

Recebido gentilmente e declarado o fim para que ia, perguntei:

—A recepção...

—Imponentissima. Começamos por ser recebidos na Camara Municipal, fazendo-nos a recepção o presidente, sr. tenente-coronel Mateus, em presença de várias agremiações na máxima força.

«O teatro completamente cheio como nunca. Levamos no primeiro dia à scena a «Caldeirada», revista em três actos, que agradeceu, tendo assistido ao espectáculo o distinto músico de Lisboa, sr. Rui Coelho, enviado especial

TEATRO AVEIRENSE

Visitou esta cidade a companhia de revistas e operêta de Lina Demoél, que anda em tournée pela provincia.

A gentil *divette* teve ocasião de evidenciar as suas excelentes qualidades para o teatro musicado.

Representaram-se o «Dia de Juízo», a rainha das revistas, do distinto escritor Eduardo Schwabach, a operêta «Mouraria» e a revista «Chave d'Ouro», tendo agradado plenamente.

Que a empresa do nosso teatro nos delicie, como tem feito, com belos espectáculos.

Grupo orfeonico

Sob a direcção dos senhores Dr. Vasco Rocha e Padre António Estêvão, iniciaram-se no nosso liceu os ensaios do grupo orfeónico.

do «Diário de Noticias» para a crítica teatral, sabendo-se já que sua apreciação é a mais lisonjeira.

«No segundo espectáculo levou-se à scena a «Cavaleria Rusticana», da autoria de Pietro Mascagni, traduzida para português pelo sr. José Duarte Simão.

«Esta ópera que constitui a parte mais importante do programa, foi ouvida num religioso silêncio sendo apenas aplaudida no final, com grande entusiasmo e, com chamadas especiais ao palco,

«Os coros a quatro vozes e rigorosamente afinados, tiveram um êxito completo, sendo admirados pelo próprio maestro Rui Coelho.

— Os principais intérpretes?

— Da «Cavaleria» ou sejam, Amarel na parte de Turidu, Meireles na de Alfio e Celeste Freitas no papel de Santuza, portaram-se como verdadeiros profissionais, sendo de notar a maneira como Amarel cantou a Siciliana, um dos trêchos principais da ópera, pela sua grande dificuldade que, por isso mesmo, é conhecido entre a gente de teatro lírico pela morte dos tenores.

—Sobre a orquestra?

—Composta de 25 professores, dos quais fazia parte o professor do nosso liceu, sr. dr. Coimbra, manteve-se afinadíssima, obtendo também parte dos aplausos que ao grupo foram dirigidos.

«A Academia de Viseu não só se fez representar galhardamente na recepção ao Grupo Tricanas e Galitos, mas também no teatro, lhe concedeu calorosas manifestações.

—Mais provas de apreço?

—Sabemos que o sr. dr. Luís Ferreira, presidente da Associação Comercial de Viseu e que foi um dos organizadores da comissão que fez o convite ao Grupo para aquelas duas récitas, oferece ao mesmo uma rica bandeira que, para esse fim, está sendo confeccionada.

—Tencionam dar cá algum espectáculo?

—Tenciono o Grupo, antes da ida a Lisboa, representar mais uma vez nesta cidade.

Moonlight.

LIVRARIA
João Vieira da Cunha
 Rua Direita, 70—AVEIRO
 Grande sortido de Papelaria
 Artigos de escritório. Sacas para livros. Louzas. Artigos
 pera desenho e pintura. Perfumarias. Sabonetes.
 Quinquilherias. Postais ilustrados. etc. etc.

LIVRARIA CENTRAL
 DE
ARTUR DOS REIS
 Arcos—Entre Pontes
 Papelaria. Perfumaria. Tabacos. Postais Ilustrados
 Objectos de Escritório e Pintura.
 Livros Escolares. Scientificos. Recreativos. Romances.
 Poesias. Obras Francezas. Todas as novidades literárias.
 Scientificas. Artigos de Fotografia
 Esta casa encarrega-se de revelar e tirar provas

Baptista Moreira
 AVEIRO
 Sortido completo de artigos
 fotográficos
 REPRESENTANTE DA CASA
 KODAK, GARCEZ, etc.
 Sorteio semanal duma maquina
 fotográfica por 2\$50

Barbearia Académica
 DE
 ALVARO FERREIRA
 Otima execução em cabelos de
 senhora
 RUA BENTO DE MOURA
 AVEIRO

ESTABELECIMENTO
 DE
MERCEARIA
 de
FRANCISCO A. MEIRELES
 PRAÇA 14 DE JULHO
 Aveiro
 Completo sortido de Merceria,
 Vinhas finos, Papelaria, etc.
 Agente da Companhia de Seguros
 "ARGUS"

Sortido Completo de Café e Pastelaria
 Licores, Vinhos finos, Champagnes
 Sandwiches e bifes
 Fabricação de Ovos moles
 TABACOS
Café Amaranthino e Pastelaria
 DE
Antonio Campos
 Executam-se encomendas de pasteis
 bolos finos, pudings, pão de ló, etc. etc
 Grande Sortido de Biscoitos
 Praça do Comercio—Aveiro

SOUZO RACOLA
 (Antiga Casa Costeira) (Casa fundada em 190)
 Avenida Bento de Moura—AVEIRO
 Ourivesaria, = Serviço de prata, serpentinas, sal-
 vas, faqueiros, cristais guarnecidos a prata, estojos pa-
 ra brindes, correntes, adreces, e aneis. JOIAS—Em pla-
 tina, ouro e ouro branco, colares de perolas. RELOJO-
 ARIA—Relógios de pulso em ouro para senhora e ho-
 mem, de parede, bolso e carrilho, Longines, sete
 grandes prémios.
 Perfumaria nacional e estrangeiro. Tabacaria. Navalhas alemães.
 Canetas conklins. Postais da cidade e albuns

António Pascoal

FÁBRICA DE SABÃO

Síllal em Coimbra
 Rua da Moeda, 84-92

Séde em Cantanhede
 Estrada de Mira

Armazem de Cereais, Legumes e Mercarias

DEPÓSITO DE BAGALHAUS

RUA DA ESTAÇÃO ** AVEIRO